

pennas transpoz o recinto que lhe fora até alli vedado pela espada do fogo do anjo do 3.º escrutinio, fez vibrar o som de clarim de sua palavra ardente e patriótica.

O povo que o applaudio nas praças do Recife, ao ser eleito, nas do Rio de Janeiro, ao penetrar triumphante na corte imperial, applaudiu-o mais, com toda a alma, ao escutar os hymnos de sua eloquencia, que como toques do avançar, percorre em ondas de electricismo psychico todos os pelotões do batalhão sagrado dos crentes que tem ainda abnegação bastante para pelejar a conquista do velocino da liberdade e da democracia.

E a distancia não amortecce o vigor e intensidade dessas vibrações vigorosissimas da palavra do grande orador. Aqui tambem, neste canto de que nem os governos querem ouvir fallar, sentimos tambem o nosso quinhão de enthusiasmo e batemos as nossas palmas como todo o paiz.

Bravo e para a frente!

Joaquim Nabuco avançou mais um grande passo, ascendendo na eminencia em que se collocou na questão do elemento servil.

Mais alto para os seus amigos, quasi ficou a perder de vista para os môchos que o injuriam e invejam, não poucos, porque o valente paladino tem inimigos rancorosos nas columnas de seus adversarios e nos pelotões dos proprios co-religionarios, onde ha tambem phariseus, muitos phariseus.

Lá onde se collocou o grande parlamentar e admiravel tribuno não hão de subir as pragas e apodos, mas, coando-se pelas camadas do azul, irão formar côro de applausos as expansões do patriotismo, as notas vermelhas da demo-

cracia; as vozes da gratidão dos negros parias que servem de pabulo ao nosso egoismo e á nossa crueldade.

Mais um hurrah! por Joaquim Nabuco.

Sua Magestade o Imperador continua a ser assumpto de chronicas, motivo de telegrammas, interessante caso pathologico, pretexto para discussões parlamentares e ponto de convergencia das mais sollicitas atenções e cuidados da maioria da nação que o ama e venera com todos os seus defeitos, porque, ao lado das maculas que possam estes abrir na sua grande individualidade, brilham intensamente raras e elevadas virtudes, que fazem-no um grande cidadão, ja que somos chegados a uma epocha em que não se pode mais ser grande monarcha.

Ha 8 mezes enfermou o Sr. D. Pedro II e ha 8 mezes que se passa no paiz uma curiosa scena de empurra. A nação debruça-se interessada e apprehensiva sobre o leito do monarcha e o seu governo, o governo da augusta filha de Sua Magestade, a desviar a nação, a cerrar as cortinas que cobrem o venerando enfermo!

O Sr. Barão de Cotegipe não quer que a nação veja o doente, contemple aquelle semblante outr'ora luminoso e calmo, hoje cavado e triste, agitado e decrepito.

Porque?

O divorcio dos governos do Brazil com o povo brasileiro é um facto sabido que já não é preciso demonstrar por escusado e sedição.

Alguns affectam homogeneidade ainda que ephemera; outros nem se dão a esse trabalho de *mise en scene* constitucional. O actual é destes.

D'ahi resulta que o unico elemento de força que o mantem nas culminancias da deminuição é a que lhe empresta o Imperador e por isso não convem que o monarcha passe de seu papel de director supremo das opiniões e das aspirações nacionaes para o de enfermo que se amelindra e precisa ser animado pelos cuidados delicadissimos, quasi infantis que um doente querido demanda de enfermeiro amigo; porque a nação, reivindicando sua soberania, substituir-se-ia ao rei doente e a bem da cura, havia de arredar o governo, como da camara onde periga uma vida cara arredam-se as crianças travessas e os hospedes importunos.

Dizemos a confiança do Imperador e não da coroa, porque este bom povo, por ora ao menos, não comprehende a existencia e estabilidade da unica coroa illuminada pelo sol da America, si não cingindo a fronte augusta do velho D. Pedro II.

O jogo de empurra de que fallavamos, acabou infelizmente. A curiosidade publica, si não está saciada, está satisfeita quanto é preciso para saber que acabou o governo do 2.º imperador.

E ingloriamente por desgraça. Abrindo caminho para a morte que se aproxima, a molestia soprou traiçoeiramente a luz d'aquelle grande cerebro e d'aqui a mezes ou dias o maior dos Braganças será representado apenas por alguns despojos mortuarios dentro das quatro taboas de esquife esguio, onde não haverá mais do que o cadaver de um demente!

—
Doe-me acabar assim tristemente estas linhas mal arrançadas que comecei molhando a penna na tinta rubra do

enthusiasmo patriótico; mas fecha-se-me o espirito.

Deixemol-o que se concentre e medite sobre a miséria das cousas terrenas e a miséria das cousas patrias.

J. L.

O URUBU' (*)

Pertence à familia dos abutres (Cathartes aura).

Nasce alvo e, à proporção que vaee crescendo, vai-se tornando preto.

Tem a cabeça e a fronte do pescoço pardas, azuladas, escuras tirando a negro, o corpo, as azas e a cauda negros, o bico trigueiro escuro, esbranquiçado na ponta.

Na maior parte das cidades da America meridional, diz Pedro Posser, adquiriu direitos de cidadão, e corre livre e tranquillamente pelas ruas, para assim dizer, como domestico, e sob a protecção da lei multiplica-se cada vez mais.

No Perú é certo que a lei prohibe mata-lo sob pena da multa de... 40\$000.

Na Jamaica existe igual prohibição.

No Pará paga tambem uma multa de 10\$ o quem mata um «fiscal», como elle lá é conhecido.

Estas immuniidades concedidas aos urubús comprehendem-se tão depressa se saiba que são os encarregados, nesses logares, de limpar as ruas de toda especie, que sob a acção da temperatura bastante elevada, infeccionaria o ar, e seria o germen de continuadas epidemias.

São, pois, essas aves de rapina, que geralmente se suppõem que nenhum pe estimo tem, os zeladores da hygiene e da salubridade publicas, e sob este ponto de vista bastante uteis. Só no Ceará não tem prestimo algum!

Tambem é susceptivel de afeiçoar-se.

Conta Alcida d'Orbigny que um indigena creou um, que sempre o acompanhava. Aconteceu que o dono adocesse e guardasse o leito; a

(*) É palavra indigena, à que dão mais de uma significação. O Dr. Martins, no seu "Glossario", Pag. 185, a decompõe: *urú* ave, e *uu on vu* comer, ave voraz, comedora; no que está de accordo S. Anna Nery, "Le Pays des Amazones", pag. 68. Mas prefiro a etymologia de Baptista Catano, "Vocab.", pag. 558: *iribú*, de *y-re-bur*, ou *y né bur---* o que exala fetido. O urubú de facto exala máo cheiro.

ave entristeca o um dia, encontrando a porta do quarto aberta, penetra, vaa para junto do doente e manifesta-lhe pelas suas caricias a alegria do vel-o.

É curiosa a sua briga com o carcará por causa da carniça. Demos a palavra a Taunay para dizer em bom portuguez como isso so passa:

«É o carcará commensal do urubú. Como ello se a'ira, quando urgido pela fome, à rez morta e, intrometido como é, à custa de algumas bicadas do pouco amavel conviva, belisca do seu lado no imundo repostro.

«Si passa o carcará à vista do gavião, precipita-se este sobre elle com voo firme, dà-lhe com a ponta da aza, atordoa-o e atormenta-o, só pelo gosto de mostrar-lhe a superioridade. Nada com effeito mette em brios. Pelo contrario, mal levon dous ou tres encontros do miúdo, mas audaz adversario, baixa prudente à terra e põe-se ali desageitadamente aos saltos, apresentando o adunco bico ao antagonista, que com a extremidade das azas levanta pó e cinza, tão depressa as arrasta ao chão. Afinal, de cansado, deixa o gavião o folguedo, segurando de um bote a serpezinha que em custoso rasto procurava algum buraco, onde fosse, mais a salvo, pensar as fundas queimaduras.

(«Céus e Terras do Brazil», pag. 15.)

Essa briga, Porto Alegre tambem celebrou no seu "Colombo", Tom. 2, Cant. 34, Pag. 389, nestes dous versos:

Equal carcará que o furto segue
Do urubú, e no ar disputa a preza.

No Amazonas o urubú é visto pelo indigena com certa abusão: diz José Verissimo que lá a espingarda que mata um fica inutilisada. "Scenas da Vida-Amazonica", pag. 62.

O urubú é uma ave feia, mas o urubutinga (urubú branco) é um dos mais bellos passaros das florestas do Brazil. Sua descripção, feita por Hercules Florence, é interessantissima:

«O urubutinga é dos passaros do Brazil o mais formoso em cores e plumagem; o aspecto, porem, e os habitos são de legitimo corvo.

É do tamanho de um ganso. Tem olhos grandes e redondos; íres de brilhante alvura; palpebras vermelhas, bico como o dos urubús: comprido, curvado e de um alaranjado vivo. Abaixo do bico expande-se uma caruncula carnosa, que cahe de um lado e de outro, de cor tambem alaranjada. Desde o olho até esta carnosidade, a pelle nua puxa paxa roxo.

Acima da cabeça ha uma parte completamente desnudada, rubra, com pennazinhas tão pequenas e se-

paradas que parecem pellos. Por baixo dos olhos e do pescoço sahem carunculas unidas e compridas, de um escuro claro e que, em forma de arco, vão ligar-se acima da nuca, unindo-se então n'um filete carnoso, que desce por traz do pescoço até a base do peito. É vermelho claro em cima, preto no meio e amarello em baixo. As cores da cabeça são realçadas por um fundo negro do ebano, que bem se póde chamar a moldura.

O pescoço é totalmente desnudado de pennugem. A pelle parece pelle de luvas: é amarello vivo na frente, cor que cambia insensivelmente para vermelho carregado. Esse pescoço é nú e tão bem colorido, sahe de um collar de pennas azinzentadas, que parecem vir das costas, e se reúnem no peito, a formarem novamente uma linda separação, que se estende pouco acima da barriga. O collar semelha um ornato de mulher.

O resto das pennas é branco, excepto nas extremidades das azas, que são pretas. Os pés são brancos.»

(«Esboço da Viagem do Consul Langsdorff no interior do Brazil, na Revista do Instituto Historico», Tom. 38, Pag. 376.)

É este o urubú-rei ou o rei dos abutres (rex vulturum), cujo qualificativo deve-o elle não somente à cores brilhantes de suas pennas, mas à uma particularidade, de que nos dá noticia circumstanciada o naturalista allemão Brehm:

«Centos de abutres, reunidos em volta de quaesquer substancias corruptas, retiram-se apenas divisam o urubú-rei. Empoleirados nas arvores visinhas, ou simplesmente pousados no solo á certa distancia, aguardam, e nisto os olhos brilham-lhe de cobica, que o seu tyramno se ache saciado e se retire. Finda que seja a refeição do urubú-rei, precipitam-se sobre os restos, e cada qual trata de obter a melhor parte.

«Fui muitas vezes testemunha deste facto, e posso affirmar que em frente de nenhuma outra ave as especies mais pequeninas dos abutres abandonam a preza, como o fazem em frente do urubú-rei. Tão depressa o enchergam por mais entretidos q' estejam, todos se retiram, e ao vel-o approximar-se como que o saudam levantando e abaixando alternadamente as azas e a cauda. Toma o urubú-rei o lugar que elles lhe cedem, e todos aguardam silenciosos que haja por bem retirar-se.»

(«Maravilhas da Creação», pag. 17.

Este facto é tambem referido por Alcides d'Orbigny e outros.

S. Anna Nery acrescenta:

«O urubútinga ou branco é considerado urubú-rei pelos indios, que dizem que os pretos não comem senão quando elle está saciado, que sôbe alem das nuvem, que a flexa ornada com as suas pennas não erra o

alvo, e a supplica escripta com ellas é ouvida. O branco é a bondade, o negro o mal.

("Le Pays des Amazones", Pag. 69.)

Barbosa Rodrigues, na "Revista Brazileira", Vol. 9, Pag. 40, Nota 1ª, confirma a crença indigena de que a flexa empennada com as suas pennas nunca erra o alvo.

Entretanto, entre nós, o povo tem o urubutinga por urubú preto e feio: chama urubútinga a pessoa bisonha!

O urubú-rei para elle é o camiranga, corrupção de acanga — cabeça e piranga vermelha; porque este urubú tem de facto uma carnosidade vermelha sobre a cabeça, muito saliente e visivel.

PAULINO NOGUEIRA.

A engeitada

A gentil creancinha viu a luz do dia em um estreita e humida mansarda. Filha do amor e do crime, nascia quasi ao desamparo, e apenas os beijos maternos festejavam-lhe a entrada no mundo.

A mãe seduzida por um homem sem coração necessitava incobrir a falta para continuar a viver entre a familia, e tinha de abandonal-a á caridade publica algumas horas depois de nascida.

Era tão fransina! Precisa-va tanto dos cuidados maternos; porem a sociedade severa e inexoravel previamente a condemnava á triste sorte de engeitada.

São assim as leis humanas!

A moça inexperiente e sem o escudo de uma boa e solida educação cahira aos amorosos assaltos do mancebo seductor, e tornára-se mãe. Era, portanto, indispensavel occultar o fructo de uma culpa que o mundo não perdôa, e entro o amor de mãe e o terror do anathema que lhe cairia na frente, a pobre moça hesitava.

Abandonar a filha, uma creaturinha fragil, flôr mal desabrochada que a primeira

caricia de vento pôde molestar, deixal-a á porta de algum rico compassivo, prival-a dos seus beijos, não vél-a talvez mais!

Trouxera-a novo mezes no seio, nutrindo-a com o seu sangue, com a sua propria vida.

A's occultas fisera um enxovalzinho para que o seu anjo tivesse uma camisinha de rendas e uma touca enfeitada, ouvira-lhe o primeiro vagido, beijara-a com toda effusão de seu amor, e ia separar-se della!

O seu coração de mãe revoltava-se.

Havia de conserval-a, embora a familia a repellisse.

Trabalharia para sustental-a, soffreria tudo contanto que a tivesse junto a si. Já lhe aqueria tanto!

Mas a vergonha e o opprobrio que a esperavam?

Travava-se'n'aquelle espirito abatido pela dôr physica uma lucta horrivel. Ficaria irremediavelmente perdida. A filha mais tarde convergonhar-schia de sua origem e talvez a amaldiçoasse.

Apparecia-lhe o mundo com a sua moral severa a stigmatizal-a, a excluil-a do rol das mulheres honestas, a familia a expulsal-a.

Podia continuar a ser querida e respeitada. Ninguém descobriria sua falta, frequentaria a sociedade, seria bem recebida em toda parte, encontraria talvez um homem que a desposasse e havia de ser feliz. Mas para conseguir isso devia abandonar a filha aos cuidados estranhos, condemnal-a a implorar continuamente a caridade alheia. Era horroroso!..

Tinha-a junto do coração, molhava-lhe as facesinhas rosadas com lagrimas de ternura acariciava-lhe a loura

cabecinha, extasiava se deante dos seus olhos que se abriam indecisos como para fital-a e dizer-lhe: não me abandones.

O amor materno ia triumphar, mas ali estava alguém a reclamar-lhe a creança, a animal-a ao sacrificio expondo-lhe as consequencias de sua fraqueza, a dizer-lhe que se apressasse, que em casa poderiam desconfiar de sua demora.

Pobre mãe! O miseravel que murchou a corôa de tua virgindade não pensa decerto nas angustias porque estás passando.

Ri neste momento, quem sabe?

A sociedade não o ha de repellir, elle tem o direito de entrar com a fronte erguida nos salões, onde se ostenta a gente melhor e será recebido com attencões e obsequios.

Mas, tu, victima indefesa, serias arremessada ao charco onde se revolvem as creaturas sem pudôr.

Não te vendeste, o amor te perdeu, te entregaste generosamente e sem restricções ao homem que te fez pulsar o coração ainda virgem; porem o mundo não indaga dessas cousas. Ha de salpicar-te o rosto com a lama da degradação e marcar-te-ha a fronte com o sello da ignominia e da deshonra!

Nem mesmo a maternidade te dá o direito de esperar indulgencia. Rirão da tua dôr e zombarão de teus desvelos, e sobre tua filha recairá a tua infamia!

A jovem mãe sente a vertigem do desespero. Passa-lhe pelos olhos uma nuvem que a deslumbra.

Aperta mais a filhinha, cobre-a de beijos, agasalha-a cuidadosamente contra as in-

temperies do tempo e entrega-a emfim á pessoa que a espera.

Depois, como impellida por força sobre humana ergue-se do leito dos soffrimentos, deixa a mansarda humida e estreita e volta para a casa da familia.

Vae continuar a frequentar o mundo.

Ninguem lhe verá a pallidez das faces e as palpitações nervosas do coração.

Sua honra está salva, porque o mundo contenta-se com exterioridades.

E enquanto ella apparentemente é feliz, o cercam-na de homenagens e affeições, a filhinha aos cuidados de estranhos não passa de uma enfeitada !

F. CLOTILDE

ANNUNCIOS

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira n.º 54

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartieras. Recetas a qualquer hora. Preços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36
CEARA'

J. WEILL & C.^a

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a

JOALHERIA

RELOGIOS de todos os generos

Compram sempre ouro velho e moedas.

3--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

LOTERIS CERENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transferencia. Bilhetes á venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso cmere, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Paris o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

CAFE JAVA

NO ELEGANTE KIOSQUE

DA

Praça do Ferreira

Em frente ao paço municipal.

Café fabricado a capricho. Chocolate unico, como só aqui se fabrica.

Cerveja fria.

Charutos finos e cigarros fabricados especialmente para

CAFE' JAVA

Manoel Pereira dos Santos.

GUILHERME ROCHA & C.^a

Drogaria



Drogaria

RUA FORMOZA N.º 17

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores

CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finissimos.

Rua Formosa-72

CONFUCIO

Unico estabelecimento espcial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, mobílias etc. Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

Motta Vieira & C.^a

83--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 19

FORTALEZA, 18 DE NOVEMBRO DE 1887.

SUMMARIO

Expediente;
Theatro e salões;
O cavallo.—PAULINO NOGUEIRA;
Alternativa.—ANTONIO SALLES;
Poema instantaneo.—JOSÉ CARLOS JUNIOR.
Variação sobre um thema de Buffon.—OLIVEIRA PAIVA;
Historia natural.—RODOLPHO THEOPHILO;
Anuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

Palco e salões

Vamos e venhamos: o theatro não é uma escola de moral, como se pretendeu, e nem concorre para o viciamento dos costumes e decadencia da arte, como se diz, em referencia ás operetas. E' mister que haja de um tudo. O mesmo espectador se emocionará com a opereta, com o vaudeville, com a opera comica, com a comedia, com o drama, com a opera e com a tragedia, contanto que sejam peças que valham a pena. A gente moderna precisaria mesmo d'essa variedade. E si o genero operetas prevalece, não quer di-

zer que os demais hajam dado cacho.

Hoje todo mundo vae ao theatro, assim como todomunda se calça e põe a gravata, usa anquinhas e pós de arroz, mette o espartilho e corta o cabellu na testa.

Era preciso tambem um genero facil: eis ahi a opereta.

O que não impede que esse todo mundo, ou por imitação, ou mesmo por sentimento proprio, acompanhe a fina flor das pessoas de gosto aos generos do espectaculos esmeradamente e genuinamente artisticos.

* *

Ficou ahi todo esse esplandamento dos periados acima, com o fito especial de passar a esponja n'uma accusação feita á Fortaleza, a proposito da companhia que está trabalhando no S. Luiz. A accusação era que o Sra. Helena foi forçada a levar somente operetas, porque isso é que os espectadores queriam.

Ora, meus senhores, nada mais natural que esse desejo do povo, pois a companhia não ia bem no drama, como nem mesmo veio a sahir-se bem na opereta: o que deu em que, apesar do mais benigno acolhimento por parte da imprensa, que procurava seduzir a attenção dos leitores para o theatro, as vasantes têm sido inevitaveis.

Perdõe nos a Companhia a franqueza, porem é nosso interesse que os leitores, que se louvam na nossa opinião, não

percam-nos a fê.

Nada nos impede de, sem fazer a censura á benignidade misericordiosa da imprensa diaria, fallar limpo e franco, embora não tenhamos ainda a precisa autoridade.

* *

Da *troupe* da Sra. Helena um só typo nos impressiona bem, um só nos arranca da penna a palavra *talento*. E' o Rocha. Póde que seja defeito da nossa comprehensão; mas, isso é o que sentimos, e é portanto o que dizemos.

Bem que o Rocha filie-se á *escola* do Vasques, a que se nega o nome de artistica, ainda assim persistimos em assegurar-lhe um brilhante porvir. Quanto mais que é bem provavel que o Rio tome nova orientação, e dê logar á modrança de alguma intensa personalidade.

Quizeramos dar por miudos o de bom e o de mau que notamos no Rocha, si não nos tolhesse o temor de aventar algum despropósito de critico novel; quanto mais que nas cambições de uma *troupe* ambulante onde um actor vê-se forçado muita vez a desempenhar papeis inteiramente oppostos á sua vocação, é difficilimo achar-se o caracter typico de uma personalidade. Assim, aquillo que eu posso dizer aos que não repugnam sentir as mesmas vibrações que eu é o seguinte:—O Rocha me agrada muito—, affir-

mativa que poderia pesar autoritariamente, si eu estivera certo de ter bom gosto nativo.

*
* *

Callo-me acerca dos outros actores, porque receio expender alguma observação destoante.

Abstenho-me egualmente de discorrer sobre os salões, porque o que houve foram simplesmente os bailes de costume, muito conhecidos e dançados na terra.

O CAVALLO

A mythologia já conhecia o cavallo, e assignava-lhe papel importante, puchando de preferencia o igneo carro do Phebo, o astro-rei da criação.

Ausonio, na sua *Epistola* 19 a Paulino, assim dil-o :

«Considerat jam Solis equos Torte-
(sia Calpe
«Stridebatque freto Titan insignis
(ibero.)

Ovidio, em suas *Metamorphoses*, Liv. 2.º, V. 153, ainda é mais completo e explicito :

«Interea volucres Pyroëis, Eous et
(Ethon,
«Solis equi, quartusque Phlogon.»

E Camões, traduzindo livre e elegantemente ambos, nos diz muito bem em epicos versos :

«Já Phlegon e Pyrôis vinham tirando
«C'os outros dous o carro radiante,
«Quando a terra alta se nos foi mostrando,
(trando,
«Em que foi convertido o grão gigante.

Lusiadas, C. 5, E. 61.

Mas de que feitio e materia seriam esses cavallos excepcionaes ?

Segundo um extracto de Bernso por Alexandre Polyhister, *Syncell*—29, a tradição chaldaica conta sobre a formação do mundo, que «no tempo em que tudo era treva e agua, neste meio geraram-se espontaneamente animaes monstruosos e as figuras mais particulares:..... homens com pernas e chovelhos de cabra ou pés de cavallo; outros com membros posteriores de cavallo e os dianteiros de homem, seme-

lhantes aos hyppocentauros....., cavallos com cabeça de cão..... animaes com cabeça e corpo de cavallo e cauda de peixe....»

Por outro lado Virgilio, em suas *Georgicas*, Liv. 3.º, V. 257, falla-nos da exquisita tradicção mythologica de cavallos gerados simplesmente pela egoa, sem coito algum :

“..... Cio a arrojã
“Alem do Gorgaro e somente Asca-
(nio ;
“Ella serros transpõe, transnada
(rios :
“Si avida chamma infiltra-lhe as
(medullas.
“Mas no verão quando o calor nos
(torna,
“Contra Zephyro a bocca, nos ca-
(beços
“Meiga aragem sorvendo, oh ! ma-
(ravelha
“Sem coito algum, dessa aura às ve-
(zes prenhe,
“Baixa aos convalles, trepa arduos
(penedos,
“Não do Sol ante o berço onde, Eu-
(ro, nasce,
“Virada a Cauro, a Boreas, ao tris-
(tonho
“Austro que embrusca o céu com
(chuvaceiros.

(O. Mendes, *Virgilio Brasileiro*, Pag. 149)

Marte tinha seus cavallos, graças aos quaes Romulo pôde-se desviar do inferno, como refere Horacio na Ode 3 do Liv. 3.º v. 15:

..... “hac Quirinus
“Martis equis Acheronta fugit.”

Assim tambem a mythologia falla do Pégaso, cavallo com azas, que nasceu do sangue de Medusa quando Perseu cortou a cabeça à esta Gorgone, exclusivamente cavalgado por Apollo ou Mercurio. (Mr. Chompré, Dic. da Fab.)

Mas decididamente não será de nenhuma dessas raças a procedencia das duas parelhas equinas, que tiram o coche de fogo do grão gigante. De natureza ignea tambem devem ser ellas para não serem incendiadas.

E' em outra raça que me vou occupar neste momento.

Nao tambem na do celebre cavallo de Troya, de que falla ainda Virgilio na sua *Encida*, Liv. 2.º, V. 263, recebido dos gregos pelos troyanos contra os ardentes votos de Cassandra :

“.....o cavallo, devassado, às auras
“Rende as phalanges que no ventre
(aloja.”

(O. Mendes, cit. Pag. 265.)

Menos ainda na do Mazeppa, que Byron decantou, ligeiro como o

raio, devastador como uma tempestade

O cavallo do presente artigo é o de que trata Buffon, “*Histoire Naturelle*” (*Œuvres Complètes*), Tom. 6.º —*Le Cheval*, Pag. 185 :—

“Nunca o homem fez conquista tão nobre quanto a deste fero e feroso animal, que partilha com elle das fadigas da guerra e da gloria dos combates : tão intrepido como seu dono, o cavallo vê o perigo e affronta-o ; familiariza-se com o tinir das armas, ama-o, procura-o e se inflamma com o mesmo ardor ; partilha tambem dos seus prazeres ; na caça, nos torneios, na carreira, brilha. Mas, docil tanto quanto corajoso, não so deixa arrebatado pelo fogo ; sabe reprimir seus movimentos : não somente quebra-se à mão do cavalleiro, mas parece consultar seus desejos, e, obedecendo sempre às impressões que delle recebe, avança, modera, recua e nada faz sinão para satisfazelo : é uma creatura que renuncia o seu ser para só viver pela vontade de um outro, que sabe mesmo prevenil-a ; que, pela promptidão e precisão de seus movimentos, a exprime e executa ; que sente tanto quanto se deseja, e rende-se tanto quanto se quer ; que, entregando-se sem limitação, não se recusa à nada, serve de todas as formas, excede-se e mesmo morre para melhor obedecer.”

Não se pode fazer elogio mais pomposo nem mais justo a esse animal.

Quereis um exemplo de dedicação suprema ? O cavallo de Soles Atheniense, vendo-se privado do dono, deixou-se morrer de fome ! E o cavallo Capdy, havendo perdido o dono na batalha do Maupertius, deixou-se tambem morrer de fome !

Quereis exemplo de bravura nos combates ? O de Napoleão 1.º :

“E inquieto relinchava o audaz gi-
(nete,
“Que sua escutar o horror da guer-
(ra
“E o fumo respirar de mil bombar-
(das.”

(Magalhães, *O Waterloo*.)

Por tudo isso tambem nenhum outro animal recebeu ainda do homem tanta honraria nem prova de estima.

Caligula, imperador romano, fez do seu cavallo Incitatus, — consul e senador !

Entre os arabes o cavallo tem na familia especial logar. Eis como o conselheiro Bastos no seu “*Medico do Dezerto*”, Pag. 76, descorre a este respeito :

—“O nobre trabalha sem se envergonhar em tres casos : por seu pae, por seu hospede e por seu cavallo ;

—O arabe deixa de comer para dar ao seu cavallo;

—Ha crenças populares que ninguem se atreve a desmentir, e taes, entre outras, são as seguintes:

Os mãos espiritos não entram na tenda em que ha um cavallo de raça;

Cada grão de cevada, que se lhe dá, é escipto por Deus no registro das boas obras;

Os anjos não assistem sinão a tres dos prazeres do homem: ás alegrias nupciaes, aos exercicios guerreiros e ao curso dos cavallos;

Aquelle que possui um bom cavallo e o despreza, Deus o desprezará tam bem;

A maior conquista do homem foi o cavallo;

Os camellos pertencem aquelles que sabem defende-los, e o coração das donzellas aquelles que sabem inenear um bom cavallo;

A aguia disse a um cavallo de raça: Nós ambos voamos; mas, para evitar a contestação entre nós, vóa tu na profundidade dos valles, na summitade das montanhas, e eu voarei na iminensa planície dos ares;

O leão e o cavallo disputavam sobre qual tinha melhor vista. O leão viu n'uma noite escura um cavallo branco no leite; o cavallo um cavallo negro no pés."

A estima do cavallo não é só dos arabes, é universal.

Em quanto o fidalgo camponoz (squire), diz Herbert Spencer, faz a sua visita quotidiana ás cavallariças e pessoalmente examina o regimen a que submettem os seus cavallos... quantas vezes entra elle no quarto dos seus filhos, examina os alimentos que lhes dão, e se informa das horas da refeição, e vigia que a ventilação da nursery seja sufficiente? Na sua bibliotheca encontra-se a "Arte de alveitaria" de White, o "Livro da Granja de Stephens, o "Tratado da caça" de Nemrod, obras que geralmente leu; mas quaes os livros que leu sobre a arte de alimentar as crianças de peito e as de maior idade?" ("Da Educação Moral, Intellectual e Physica", Pag. 186)

Mas, tal é a importancia que a todo mundo merece esse animal que o proprio Spencer nessa mesma obra, com certa contradicção, occupa-se com interesse na alimentação do cavallo, como se vae vêr, pois é de interesse sabel-o:

"Muito embora engorde o cavallo que se alimenta de verde, elle perde as suas forças, como se pode verificar submettendo-o ao trabalho. O primeiro effeito da herva verde, dada como alimentação aos cavallos, é a frouxidão do seu systema muscular.

"A herva é muito boa para engordar um boi destinado ao mercado de Smithfield, mas não vale nada para

formar um cavallo de caça. Tem-se sempre visto que depois de ter deixado pastorear os cavallos de caça durante o estio, é preciso alimental-os durante alguns mezes na cavallariça, para que possam seguir os cães, e não se acham completamente revigorados sinão na primavera seguinte.

"A pratica moderna é a recommendada por Apperley, não deitar nunca um cavallo de corridas ao pasto, excepto em circumstancias excepcionaes e muito favoraveis; mas em conserval-o constantemente na cavallariça; o que quer dizer não lhe dar nunca má alimentação. Não se pode obter muito vigor e solidéz sinão pelo uso prolongado de alimentos nutritivos. É isto tão verdade que, segundo Apperley, o longouso de alimentos substanciaes permite a um cavallo de força media igualar um cavallo de maior força, alimentado pelo processo ordinario. (Obr. cit., pag. 206.)

No Brazil a existencia do cavallo data da colonisação: tanto que o indigena conhece-o pelo vocabulo —cabarú, que é corruptela de cavallo.

No Ceará não data de muitos seculos. Em 1719 ainda era raro, e talvez setivesse extinguido, si o governo da metropole, por ordem regia de 1761, não prohibisse a entrada de machos e mullas, com que se estava dando o crusamento, que ia quasi a substituir a raça cavallar.

No Brazil ninguem conheceu melhor o cavallo do que, na antiguidade, Galvão, que nos deixou dos seus estudos e experiencias um excellent "Tratado"; e no presente Luiz Jacome de Abreu e Souza, que em 1873 publicou o "Cavallo da Provincia do Rio Grande do Sul"; em 1874—"O Cavallo do Paraná", e em 1875—"O Cavallo, Criação, Educação e Hygiene do Cavallo Militar"; tres excellentes folhetos, que acreditam o seu autor como o mais distincto hyppollogo do seu tempo.

Qualquer delles bem merece as honras de ser equiparado a João Canho, heróe do "Gaúcho de José de Alencar, o celebre domador da "Morena" e do "Jucá".

Uma razão, porem, tenho para preferir Galvão a Luiz Jacome: é que aquelle trata mais particularmente do cavallo do norte, onde seu nome e seus preceitos equinos tornaram-se proverbias e populares principalmente entre nos

Não faço aqui mais do que repetir-os em sua môr parte.

Tratando elle (Galvão) da conformação do cavallo, recommenda que se escolha de preferencia o que tiver—

Pé de bode,
Mão de gato.
Pescoco de gallo,
Frente de pato.

Quanto aos signaes:

Um, é bom;
Dous, melhor;
Tres, não presta;
Quatro, peor;
Cinco, um brinco;
Seis, quanto mais melhor;
Obras desmentein signaes.

Quanto às côres:

Pedrez,—para carga Deus o fez;
Castanho-escuro,—pisa no molle e no duro e traz seu dono seguro;
Alazão,—quando vires o dono com a sella na mão pergunta-lhe onde deixou o alazão? (É animal fraco.)

Pelo só rincho e relincho conhece o estado do animal sem precisar de velo: si curto e forte, é de goso, ou pelo apparecimento da comida ou da exoa; si longo, dobrado e fino—é de saudade ou de expansão.

Tambem, em regra, só pelas orelhas do cavallo podia conhecer o seu estado: si murchas, tem raiva, que se manifesta ou pelo coice ou pela mordedura; si fltas, tem medo ou começa a reconhecer o perigo; si murchas alternativamente, está cansado ou prestes a isto.

Diz-se muito que um cavallo é tão bom que não precisa de espora! mas Galvão, com mais experiencia e razão, diz que—"para o melhor cavallo a melhor espora." Com effeito, quanto melhor é o cavallo mais conhece o cavalleiro, e zomba delle si for mau ou não estiver prevenido.

Alé da onomatopéa dos andares do cavallo não se esqueceu o nosso hyppollogo.

Si anda de passo faz: tãcu, tãcu, tãcu, tãcu;

Si de estrada:—trócu, trócu, trócu, trócu;

Si de baralha ou equipado:—tri-m, tri-m, tri-m...

Si de galope:—catapós, catapós, catapós, catapós...

Si desembestado:—piriri, piriri, piriri, piriri...

Na cidade de Campos (Provincia do Rio de Janeiro) ha uma qualidade de cavallos, que só se encontram nessa localidade, chamados—pequiras,—cavallos pequenos, todos notaveis pela excellencia dos andares e o bem proporcionado das formas. (Teixeira de Mello, "Campos dos Goitacazes" em 1881, na "Revista do Instituto Historico, Tom. 49, pag. 54.)

Raça não tem o Ceará desses cavallos, mas ha aqui muito cavallinho do tamanho desses pequiras, igualmente bons de marcha, e de lindas estampas. Alguns são às vezes quasi como os ponys das ilhas Shetland, andes da raça cavallar.

O leitor ha de desejar agora uma descripção llet do cavallo-marinho, typo que, por ser geralmente ignorado, anda muito confundido. Eis o que deu o padre Francisco de Souza, testemunha ocular:

"O cavallo marinho será do tamanho de um boy co' muyto maior cabeça, porem semelhante, excepto os olhos, que são pequenos, e uma estrella que lhe assignala a testa. Nas orelhas e no rinchar parece cavallo, e d'ahi tomou o nome. Quasi todo é igual e roliço, no corpo, no pescoço e na cabeça. Tem o corpo cheyo de tumores, as pernas grossas e curtas, a pata redonda e fendida, e a cauda brevissima. Com não correr muyto pelo campo, nenhum outro animal corre tanto pela vasa, porque se vae escoando porella como peixe. Tem o queixo de baixo immovel, e levanta o de cima como alsapão, e assim o tem fóra d'agua com o mais corpo escondido, representando um tamboreta de encosto porem com o assento cravado de tão fortes dentes, que do primeyro impu'so com a cabeça mette uma ta-

boa dentro às embarcações do Senr. A unha mayor do pé esquerdo he remedio muito effcaz contra a melancolia, e d'aqui vem cossar este bruto com ella a parte sobre o coração. He animal amphybio, porque de dia vive no rio, ou perto d'elle, e de noyte passa na terra e nella cria. O modo de os pescar ou caçar, é ferilos ainda que seja levemente, porque logo acodem os peyxes pequenos a picar na ferida, e se lhes foge para a terra, saltam sobre elles tantos enxames de mosquitos. de que são abundantissimas todas essas rybeiras, que o bruto vendo-se perseguido no rio e acossado na terra, morre de cansasso e tristeza, sem lhe valer a sua unha." ("Do Oriente Conquistado a Jesus Christo pelos Padres da Companhia de Jesus, da Provincia de Goa", Part. 1ª, 27—"Peixes do rio Zambezcs" (No-

ta marginal)

Havendo, pois, cavallo-marinho, não tem o poeta razão de nutrir os receios que manifesta :

"Custa a crer que se propagasse
Tanto a raça cavallar,
Vivendo em terra o cavallo,
Estando a cavalla no mar."

Para concluir :

—O cavallo grande e forte não chega sinão à idade de 35 annos. Max Nordau, "Mentiras Convencionaes da nossa Civilisação", pag. 282)

—Sonhar com cavallo é signal de casamento. (J. Leite de Vasconcellos, "Tradições Populares de Portugal", Pag. 175)

PAULINO Nogueira.

ALTERNATIVA

De um lado —jaula, do outro lado—ninho,
N'a quella ruge a dor—sanhuda féra,
N'este pipilla um branco passarinho,
—O amor; e emquanto freme e desespera

Metade do meu ser no torvellinho
Das angustias mortaes, n'outra a chimera,
A luz, o azul, o a amor, o borbordinho
Cantam ao sol de um ceo de primavera.

Sosinno, quando escuto o intimo grito
Da dor, ao mesmo tempo ouço o bemdito
Canto d'essa ave olympica; mas quando,

Feliz, vejo-me ao pé d'essa menina,
Cala-se a dor, e a musica divina
Do amor vai pelo azul espiralando...

ANTONIO SALLES.

Poema instantaneo

Era travessa e linda, alegre a mais não ser.
Devia o casamento em breve se fazer.
Não era uma creança; a mãe bem lh'o dizia :
P'ra ser dona de casa urgente se fazia
Os brincos pueris de todo abandonar.
Determinou portanto os seus bonecos dar.
Herdeiros principaes—a irmã e uma sobrinha.
Tiveram sua parte as filhas da vizinha ;
As filhas e a afilhada acharam seu quinhão.

Mas quando, ao terminar a distribuição,
Já não achou siquer dos brincos de criança
Mais do que uma saudosa e pallida lembrança,
Um sentimento extranho arfar-lhe o seio fez.
Chorou, sem ter motivo, a derradeira vez.

JOSE' CARLOS JUNIOR.

Variação sobre um thema de Buffon

A tia Lusía, lavadeira que morava acerca do açude, recebera em pagamento uns ovos de pata, e como não tivesse patas nem chocas nem pondo, deitou-os sob uma gallinha arripiada. Tão poedeira era esta ave, que a tia Lusía ensaiou substituil-a por um capão; e pois, estava no ninho ora uma, ora outro; a gallincom seu forte calor faria os ovos no dia marcado abrirem-se às picadas, o capão affeiçoando-se àquelles bolões brancos acamados entre capins seccos, tomar-se-ia de paternal pachorra pelos bolõesinhos cor de gemma d'ovo que d'ali sahiriam a andar.

Que pasmo para o sr. Capão, quando os pequenos vieram á luz ! Era mesmo um cura, elle, nedio, com a sua crista raspada, risonho e affivel.

D'ahi, a gallinha foi mettida n'um banho, para largar o choco. E depois,--amarrada por um pé debaixo da ateira,--avistava com uns olhos muito compridos o capão muito ancho com os patinhos. A pobre fazia por livrar-se do maldito cordel que a prendia, dava empuxões, beliscava o nó. Enfada e rouca, estava muito falta de sangue, com as pennas muito seccas e encardidas.

O sr. capão? Este sim! Liso, ameno, aceiado, solícito, feliz ! Talvez nunca houvesse reitor de seminario tão satisfeito assim com os seus educandos Estava pesado, com a sua grande batina de pennas.

Os pequenitos piavam muito, com um som plangente, andavam quasi arrastando o papinho no chão, uns atraz dos outros; tocavam a rebate por qualquer sombra que voasse, e se apavoravam do mais brando ruído. Mas o pedagogo cs achava uns

meninos morigerados; e si fallasse, gabar-lhes-ia a intelligencia perante o senhora Luiza.

Dias passados, a dona, arriando um braçado de lenha no terreiro, disse muito admirada :

—Oh gentes, estes corninhos inda não sentiram o ar do açude ? !

E apanhando a saia na altura dos joelhos, sacudiu-a repetidamente, para fazer espantinho, caminhando e dizendo :

—Chô patos ! chô capão !

A' borda espraiazinha do açude, os pequencs, uns atraz dos outros, com instinctivos pipillos de alegria, n'aquelle passinho balanceado que lhes é de natureza, cahiram n'agua naturalissimamente, aos olhos do capão, como si o liquido é que fosse o firme.

Primeiro o preceptor pensara que aquillo fosse brucadeira.

Mas depois, os palmípedes continuando a velejar triumphantemente a um lado e a outro, o pedagogo levou o caso ao serio.

Girava, acima e abaixo, já afflicto, a percorrer a trincheira que isolava o abysmo liquido. Agachava-se para entrar, recuando hydrophobo; olhava por baixo como gallo a brigar; açoitava-se com as molles azas; eriçava a pennaria do pescoço; ciscava nervosamente e penicava no chão, a chamar aquelles traquinas, cacarejando, gorgolejando, com a sua tocante responsabilidade de educador e de aio.

As crianças, porém, os pipis de bico chato, mergulhavam o pescoço na agua bolorenta, não cogitando sequer de q' o paeputativo morria-se de angustias no secco. Alardeavam, nos tons esverdeados da agua, a sua pellucia cõr da flor do algodoeiro, com manchas vivas cõr de café, — lindos focos a fluctuar; suas patas de remos tangiam apressadamente a agua para traz; seus biquitos roçavam pela tona à cata de insectos que boiam; sulcavam entre os flapos de lodo; passavam tempo sem tempo a fervilhar no sujo, — porcalhões!

A gallinha arripiada estirava o pescoço como quem se rõe na ponta dos pés e diz consigo — «Senhor, o que será aquillo?»

O capão resolvera deitar sobre a taboa de bater roupa, onde havia umas ramas de melão silvestre enroladas em uma libra de sabão.

Os circulos de pequenas ondas, da mansa agitação dos nadadores, iam quebrar-se na praiasinha do açude.

Ao longe os guinés cantavam *estou fraco, estou fraco*, como dizem as crianças; e batia um machado na malta onde borboleteavam as flores do pao-ferro e do pao-d'arco sobranceiros.

Um burro peiado abeberava, com um grande chocalho no pescoço; e de quando em vez avistava-se o chifre de uma vaca em uma capoeira proxima, cujo cercado, de grandes paos em bruto e tostados, um homem estava desmanchando em lenha. Em uma arvore despida pousava um gavião. S'ha Luzia vinha viado com uma trouxa de roupa suja, rogando pragas á ave de rapina. E dando com os olhos no capão tristemente a chocar sobre a rama de melões, largou uma gargalhada das suas

O ambiente do açude refrescou-lhe o rosto que vinha a arder com o sol.

Ficou em camisa, e desentrou o braço direito para lhe dar livre jogo. Deu de garra ao cacete, e de cócoras, na posição para ella a mais

commoda deste mundo, metleu a rupan'agua, e toca-lhe o pao e melão para abrandar o sujo, peça por peça.

O gavião voou para a malta.

Os patinhos sahiram ensopados que ninguem os podia pegar.

O capão alegrou-se muito quando os viu saltar para fóra, mas elles não queriam saber de ninguem porque precisavam seccar-se, puxando a agua da pennagem com o biquinho, expostos ao sol.

Na areia adormecida à sombra rala das ateiras ciscavam pintainhos ao redor de suas proprias mães, e S'ha Luzia, com um enorme chapirão de palha, sob a ramagem da gameleira de grandes musculos pardos e redondas folhas verde-escuras, proseguia a sua alegre faina de lavadeira, com a sua golada de aguardente e o seucachimbo de cabo curto.

O gallo do terreiro deu uma corrida no capão, com grande alarido para todos, ao que a lavadeira, como um Deus que lá n'um momento pouco se importa que os seus mundos se esborðem, gritou:---Haja pao no terreiro, corja!

E continuou a deitar agua com a mão e a arrumar na roupa jazente sobre a taboa sonoros golpes do cacete.

A lisa tona do açude eriçava-se de juncos para o longe. O fundo ceo azul minava os menores intersticios da agua, salpicada de estrellas de sol, com grandes secções de sombra e de imagens de brãndas côres

A gallinha arripiada, agora solta, espojava-se na cinza da barrela.

As coisas nos seus eixos, o capão veltou às boas com os seus pupillos.

E S'ha Luzia, contando o caso à mulher do inspector do quarteirão, quando foi levar-lhe a roupa, este senhor, que era ferreiro, e conhecido por muito engraçado, estabeleceu um paralelo entre o capão, o professor da villa e o vigario, que tamhem praticava ensino e dizia que ia montar um collegio na capital.

OLIVEIRA PAIVA.

HISTORIA NATURAL

AS FLORES.

No campo as manhãs são mais bellas e mais frias que na cidade. O thermometro

centigrado havia descido a 20.°

O abaixamento da temperatura nos despertou precisamente quando o relógio dava cinco horas. No oitiseiro proximo á nossa alcova os gallos de campina em agudos trinados saudavam os primeiros clarões crepusculares.

Tive inveja do trinar das aves e desejos de ver nascer o sol, que havia tantos annos eu uão via! Mas o frio áquella hora para mim ainda de somno e de descanso não causaria algum defluxo ou rheumatismo?

Tenho habitos inveterados e um d'elles é levantar-me depois do sol.

Era uma imprudeneia e procurei reconciliar o somno, concertar as roupas, conchegal-as mais ao corpo e assim agasalhado dormir até sete horas da manhã.

Mas qual! as roupas eram leves para uma temperatura de 20.° centigrados. O frio coava-se facilmente atravez dos tecidos e ia-me á medulla dos ossos, produzindo effeitos de queimadura.

Quasi que me queixei de insomnia e se não o fiz é porque havia dormido oito horas um somno calmo e profundo.

O dia já estava mais proximo e era saudado por todos os cantores do campo.

O frio continuando a encomodar-me não tive remedio senão pôr-me de pé. Minha companheira imitou-me. Preparamo-nos e sahimos para o pateo da vivenda.

Como esplendida estava a manhã! Nem uma nuvem no ceo! O crepusculo matutino coloria de tons roseos o oriente como o pejo faz rosadas as faces de mulher. Na relva, que tapetava o solo, como lagrimas de prata tremiam as gottas crystalinas do orvalho.

O ar fresco e puro dilatava o pulmão com inspirações amplas e completas.

Como é agradável assistir o despontar da natureza!

As aves acordam e cantam; os vegetaes que haviam adormecido despertam, abrem as folhas e esperam a luz que continuará a vivificá-los; o homem abraçado com a fé, adora a natureza e adora a Deus.

Embevecidos na contemplação do quadro assistiríamos o fim do drama do amanhecer si um phenomeno curioso não desviasse nossa attenção do oriente para o lago.

Descemos o outeiro para apreciar-o de perto. Um phenomeno physico se passava alli; em toda a superficie das aguas erguiam-se nuvens de vapor como de uma enorme caldeira aquecida pelo fogo. A temperatura d'agua mais elevada do que a do ambiente tornava visivel a evaporação. Admiramos o phenomeno pela primeira vez por nós observado em nosso clima e continuamos a passear.

Seguimos por uma vereda que ia ter a uma varzea proxima. Minha companheira deixou o caminho para ir colher uma flor que a tinha impressionado pelo seu colorido e voltando apresentou-m'a.

—É uma liliacea silvestre. Tem periantho simples formado pelo calice com sepalas, depois seis estames e o pistillo.

—E estas petalas de colorido tão vivo que me impressionaram tanto?

—Esta flor não tem petalas.

—E ha flores sem petalas?

—A maior parte das monocotyledoneas. A flor pode ser completa ou incompleta. A flor completa tem quatro verticilos e toda que tiver menos de quatro é incompleta.

—E o que é verticilo?

—É a reunião dos orgams floraes. Assim o calice que é formado por peças chamadas sepalas é um vesticilo e o mais externo da flor. Farei a descripção dos orgams floraes desta liliacea, depois procuraremos uma flor completa, isto é, que tenha todos os quatro vesticillos e conversaremos sobre ella. Na flor estão reunidos os orgams da reprodução nos vegetaes phanerogamos.

—Quaes são os vegetaes phanerogamos?

—As plantas são cryptogamas ou phanerogamas: cryptogamas chamam-se aquellas cujas flores são invisiveis, como os cogumelos; phanerogamas aquellas cujas flores são visiveis, como as roseira, o jasmim, etc. etc. A liliacea que colheste é uma flor incompleta, pois falta-lhe o segundo verticillo ou a corolla, involucro formada pela reunião de peças chamadas petalas. Esta flor é composta de tres vesticillos, o primeiro ou o mais externo em continuação ao peduculo é formado pelo calice, involucro formado por seis peças chamadas sepalas, petaloides, de cor vermelha, soldadas na base formando um tubo. O calice assim, cujas sepalas não são livres, chama-se gamosepalo ou monosepalo.

—E ha calices com sepalas livres?

—Muitas flores tem calice cujas sepalas não estão soldadas formando uma só peça, e chamam-se calices polysepalos. Os calices variam de forma e de cor.

—E os calices das flores não são sempre verdes?

—Não, o da flor da romeira é vermelho, o calice petaloides d'esta liliacea é tambem vermelho e ha outros de cores

diversas. Continuemos o estudo dos verticillos floraes. Não tendo ella corolla ou o segundo involucro floral, sendo portanto uma flor apetalada, passemos a examinar os orgams de reprodução, de que o periantho não é mais do que uma tunica protectora.

—E o que é o periantho?

—Chama-se periantho os involucros floraes externos formado na flor apetalada pelo calice e na flor completa pelo calice e pela corolla. Alternando com as sepalas estão os seis estames cuja reunião forma o terceiro vesticillo chamado androceo. O estame é o orgam masculino da flor. É o, um filete delgado, terminado por um corpo oblongo chamado anthera, cuja superficie está coberta de um pó amarello chamado pollen ou pó fecundante.

—E todas as flores tem o mesmo numero de estames?

—O numero de estames varia muito, flores ha, como a do cardeiro da familia das cactaceas que tem centenas.

—E o pollen é sempre amarello em todas as antheras?

—É tambem vermelho. Na parte mais central está o pistillo, orgam, feminino ou gineceo. N'esta flor é formado de uma só capella e se apresenta como um estylete de forma triangular cuja base implanta-se n'um corpo oblongo chamado ovario e termina-se pelo estygma, que não é mais que o desenvolvimento da extremidade superior do estylete, tendo n'esta flor a forma trilobada e ficando superior as antheras.

—Então o orgam feminino da flor compõe-se do ovario, do estylote e do estygma?

—Certamente. Se te apruiver, continuaremos o passeio, iremos herborisar em quanto o sol não nos incomoda com

suas ardencias.

Sim, falla-me das flores de que tanto gosto. Em meu collegio não se ensinava botânica. Um pouco de francez, geographia, historia do Brazil, arithmetica, musica, dezenho, eis os nossos conhecimentos. Nem noções de Historia Natural! Eu ignorava que as plantas vivessem, que as donzellinhas tivessem outra vida que não fosse de insecto perfeito. Pouco a pouco sinto que me desvendam os olhos a novas maravilhas, me mostras no quadro da natureza mais um tom que não me impressionava os sentidos.

— Penso como Herbert Spencer, na educação da mulher prefere-se o agradável ao util. Te ensinaram musica, dezenho, mas nada te disseram de utilidade pratica, não te deram elemento algum que te ajudasse a vencer as difficuldades que se encontram na vida. Prepararam-te para os salões e não para o lar domestico. Aposto que nunca te disseram que a folha da sicuta é muito venenosa e muito semelhante a da salsa hortense com que se faz salada, que os vasos de cobre empregados em nossas cosinhas tornam venencosos os nossos alimentos quando preparados n'elles sem estarem perfeitamente limpos. Como se deve viver é o que a educação deve ensinar. Fatigaram-te a memoria com a geographia politica da China, da Russia em vez de te ensinarem principios de physiologia. Na vida pratica, no seio da familia qual a utilidade do conhecimento da população do Japão, da perfeita execução do «misere-re», das leis da arte de Raphael? Executavas com perfeição a Traviata, mas com a maioria das que te aplaudiam ignoravas a causa do som, as

noções mais elementares de acustica. Muitos sabem a historia romana, mas ignoram que o ar atmospherico é uma mistura de oxigeno e azoto, que os pulmões são os orgams da respiração. que seria uma loucura dormir com flores em um quarto hermeticamente fechado. Como se deve viver, tratar do corpo e conservar a saude é o ideal da creatura no curto espaço de tempo chamado vida neste mundo de dores e desenganos. Afastei-me do assumpto de nossa palestra, mas vamos continual-a. Examinemos uma flor completa, depois te mostrarei uma flor nua. Temos alli uma jasmínea. Eil-a.

— Muito cedo queres te certificar do aproveitamento da disciplina. Disseste que ias mostrar-me uma flor completa e colhes uma sem estames e pistillo!

— Uma flor neutra, perfeitamente bem, Lisongeio-me da alumna. Dá-me o jasmim e o examinemos. Temos o primeiro involucro, um calice gamosepalo com cinco dentes, de cor verde; depois o segundo verticillo, a corolla cujo limbo branco solda-se formando um tubo e abre-se na parte superior em cinco divisões, que se unem do meio para a base e formam o typo da corolla gamopetala ou monopetala regular. Apenas vemos um periantho duplo no seio seio do qual a natureza occultou como um niveo leito nupcial os conjuges e seus amores. Rasguemos o cortinado branco e perfumado. Vê, no centro do espaço formado pelo tubo o pistillo com o estylete terminado por um estygma bifido, e ao lado duas antheras louras, sessis, porque lhes faltam os filetes. O jasmim é uma flor hermaphrodita pois tem ella orgams se-

xuaes masculinos e femininos.

— E todas as flores não têm aquelles orgams?

— Não, flores ha em que faltam os estames e são chamadas femininas, outras que não têm pistillo e são chamadas masculinas.

Procuremos um exemplo. Está elle muito perto á margem do lago. N'aquella curcubitecea o encontraremos. Aproxima-te da haste do melão, examina as flores e colhe tu mesma duas de sexos diferentes.

— Eil-as; pelo menos differem na forma.

— Dois magnificos exemplos. Esta maior é a flor feminina; o ovario que mais tarde será o fructo, está ahi oval e bem desenvolvido dentro de um calice gamosepalo, que com seus dentes verdes cerca a corolla. A flor menor é masculina, apenas o calice, a corolla e os estames. Trouxeste tambem uma gavinha, este fio que se enrola em espiral e serve de orgms apprehensor. As plantas cujas flores são as das concubiteceas de um só sexo chamam-se unisexuadas monoicas.

— E plantas ha cujas flores são de um mesmo sexo?

— Sim, aquella linda palmeira, a tamareira que temos alli um pé ainda novo é uma planta dioica, isso é, quando deitar flores ellas serão de um só sexo.

— Então não veremos fructos d'ella?

— Certamente não.

— E como se dá a reproducção d'esses vegetaes?

— O sol já aquece bastante e ainda tenho a dizer-te alguma coisa sobre as flores; a reproducção dos vegetaes, ella só, nos fornecera assumpto para uma longa palestra.

— Então falla-me das flores

nuas.

—Sinto não ter aqui um exemplo á mão As flores para preencherem os fins para que foram creadas, isso é, a perpetuação da especie, não necessitam dos involucros externos, elles são adornos com que a natureza mais por ostentação que por necessidade ornou a habitação dos orgams reproductores; e tanto é assim que flores ha que dão fructo e não têm involucros floracs externos. são essas as flores nuas.

—A natureza é então vaidosa?

—Para proval-o basta a variedade de forma e colorido das flores. Os calices, as corollas quando deixam de ser regulares é para serem de uma extravagancia capricbosa como se vê n'aquella aristolochia orbiculata, que se balança nos galhos d'aquella aroeira: é opetala, mas em compensação o calice petaloide desenvolve-se de um modo particular e exquisito. As corollas polypetalas, isso é, aquellas cujas petalas as vezes numerosas como as da roza, do cravo, não se unem para formar uma só peça como a corolla gamopetala do jasmim, conservam mais a regularidade nas formas. A corolla gamopetala tem as vczes formas caprichosas como se vê na flor do mangericão e em todas as plantas da familia das labiadas. As flores representam um papel importantissimo na vida das plantas. Só podem viver como nós ao atmosphérico, pois ellas respiram e como os animaes vivem á custa do oxigenio do ar. A sua vida entretanto é tão curta! as vezes não passa de um dia. Murchas as petalas, descoradas e sem perfumes, ao chão os orgams reproductores e no pendunculo

apenas vê-se o germen, o embryão que mais tarde se desenvolverá e será um individuo semelhante.

—É esta a vida das flores?

—Sim, n'um dia vivem, amam e morrem.

O sol nos encommoava bastante com suas ardenaias e de casa nos mandavam dizer que estava servido o café.

Alto da Bonança--Junho de 1787.

RODOLPHO THEOPHILO.

ANNUNCIOS

Pharmácia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE

Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e carteiros. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36--RUA DA BOA-VISTA--36
CEARA'

SILVA CARNEIRO & C.

Importadores

CASA DE COMMISSÕES

ARMAZEM DE ESTIVAS

MERCEARIA

Generos de superior qualidade por todos os vapores, directamente.

Sortimento de vinhos finisimos.

Rua Formosa-72

CONFUCIO

Unico estabelecimento espcial em artigos para

Uso domestico

Louças, vidros, moblias etc
Objectos para viagens, brinquedos para crianças.

ARTIGOS PARA JOGOS

Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

Motta Vieira & C.^a

88--Major Facundo--88

FORTALEZA

Importadores e exportadores.

LOTERIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transferencia. Bilhetes á venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com vigoroso cmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a Popularidade e sympathia do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.^{as} Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA.

N.º 20

FORTALEZA, 2 DE DEZEMBRO DE 1887.

REDACÇÃO:

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
A Mãe d'Agua.—PAULINO NOGUEIRA;
Lyricas.—ANTONIO SALLES;
Uma carteirinha.—J. MARTINS;
Os dous vultos.—R. DE FARIAS BRITO;
Reconhecimento (Traducção)—CATULLE MENDES;
Sciencias naturaes.—RODOLPHO THEOPHILO;
Os Quinze Dias.—J. L.;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

	CAPITAL
Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000
INTERIOR E PROVINCIAS	
Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A MÃE D'AGUA

Donde vem a lenda da MÃE D'AGUA?

Antes de tudo, porém, demos uma idéa precisa d'essa encantadora fada, de que não ha, talvez, pessoa alguma de que ainda não tenha ouvido falar, com verdadeiro pasmo, desde a infancia divertida.

Para ser ag adavel ao leitor não ha outro remedio sinão pedir de emprestimo a Gonçalves Dias as finissimas tintas do seu delicado pincel para a ajustada descripção:—

Minha mão, olha aqui dentro,
Olha a bella creatura,
Que dentro d'agua se vê!
São d'ouro os longos cabellos,
Gentil a doce figura,
Airosa, leve a estatura;
Olha, vê no fundo d'agua
Que bella moça não é!

Tem-te, meu filho; não olhes
Na funda, lisa corrente:
A imagem que te embelleza
É mais do que uma princeza,
É menos do que é a gente.

Oh! quantas mães desgraçadas
Choram seus filhos perdidos!
Meu filho, sabes porque?
Foi porque deram ouvidos
A' leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
É como a nuvem sem corpo
De quando rompe a manhã.

É a mãe d'agua trahidora,
Que illude os facéis meninos,
Quando elles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
É terrivel tentação —
(«Cantos, A Mãe d'Agua». Pag. 472.)

O palacio em que habita é digno de seus encantos:—

Diz o povo que a Mãe d'Agua
Là vive nessa cimeira,
N'um palacio d'ouro fino
A' borda da ribanceira....
E quando o rio se veste
Des-e clarão que fascina
É que o paço em que ella habita
Todo inteiro se illumina.

(Dr. Mello Moraes Filho, «Mythos e Poemas. O Palacio da Mãe d'Agua», Pag. 13.)

Quem poderia resistir à uma queixosa supplica sua, vibrada da harpa célea?

Sentida, chorosa parece que estava,
É o bello menino sentado a chorar
—Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei
(feito;

Por minha vontade não hei de tornar!

A harpa dourada de subito vibra,
A charpa se agita do seio ao travez;
Das franjas garbosas as pedras re-
(flitem
Infundos luseiros nos humidos pés.

Em tanto o menino se curva e se in-
(clina

Por ver mais de perto a donosa vi-
(são;

A mãe, longe delle, dizia:—Meu li-
(lho,

Não oigas, não vejas, que é má ton-
(tação.

Vem, meu amigo, dizia
A bella fada engraçada,
Pulsando a harpa dourada:
—Sou boa, não faço mal,
Vem ver meus hellos palacios,
Meus dominios dilatados,
Meus thesouros encantados
No meu reino de crystal.

E o bello menino dizendo consigo:
Que bem fiz eu!

Por ver o thesouro gentil, engraçado,
Que já é seu:—

Atira-se às aguas: n'um grito medo-
(nho

A mãe lastimavel—Meu filho!—bra-
(dou:

Respondem-lhe os echos; porem voz
(humana

Aos gritos da triste não torna:—aqui
(estou!

(G. Dias, idem, idem, idem.)

Nessa cilada não cahiria, como de facto não cahiu, o famoso e sagaz Ulysses.

De sua volta à Ithaca teve de passar pelas serêas, celebres pelos seus encantos e attractivos, causa de innumerados naufragios, de que nem um nauta ainda tinha logrado salvar-se.

O pae de Telemaco prepara-se com arteficio para a desesperada batalha. Manda à marinagem que tape os ouvidos com cera, e só a elle alerta, para poder tudo ver e ouvir, manda que o atem pelos braços ao mastro grande do navio, no tombadilho.

Desta arte atravessa são e salvo, com sua armada, o formidável pelago, pela primeira vez vencido; mas quanto lhe custou, apesar de bem amarrado, fugil-o e vencel-o! Ter-se ia atirado, como por um encanto, aos braços dessas formosíssimas criaturas si os pulsos não estivessem bem ligados!

Da mesma astucia serviu-se Dirceu si quiz salvar-se dos celebrados encantos de sua bella Marília:

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não a quer ouvir fallar.

Qual Ulysses n'outra idade,
Para illudir as serêis,
Manda tambores tocar.

(«Lyra» 25, pag. 89.)

Mas voltemos à origem da lenda. A Mãe d'Água, graciosa criação de phantasia intertropical, habita o fundo dos rios: bella, cheia de atractivos, de encantos, de seducções irresistiveis, symbolisa o amor que tem à agua os habitantes dos climas ardentes.

Será, talvez, de origem africana, sendo presumivel não ser dos indios, em cujo idioma não encontra-se termo para a exprimir. (G. Dias, «Brazil e Oceania», na «Rev. do Inst. Hist.» Tom. 30, Pag. 103, nota 144 e pag. 104.)

A famosa lenda, descripta e genhosamente no «Tronco do Ipê», Tom. 1.º, cap. 8, tem em outro logar origem diversa, na opinião de José de Alencar:

«Os selvagens, diz elle, acreditavam que as aguas eram habitadas, e d'abi nasceu a lenda da Mãe d'Água, que se transmittiu à raça invasora. Nada mais natural do que chamar ao primeiro homem branco, que lhes appareceu, surgindo do oceano, «Caramurú»—o guerreiro do mar. («Ubirajára», Notas, Pag. 193.)

Não concordamos com a versão historica do «Caramurú»; por isto fazemos nossa a discreta e veridica demonstração em contrario de Varuhagen, Visconde de Porto Seguro:

«Diz a tradição que, achando-se Diogo Alvares Correia na praia, armado de uma espingarda, e vendo-se cercado de muitos gentios, julgou que os ameaçava a elles desparando um tiro, e que tão bom effeito produziu que o julgaram munido de um poder sobrehumano, e estiveram logo por tudo quanto quiz. «Caramurú» é o nome de certa enguia electrica; isto é, de um «peixe» com «prido» e fino como uma espingarda, «que pelas suas virtudes de fazer «estremecer e pelo attributo de dançar e ferir poderia ser applicado ao tremendo instrumento (oriundo «tambem agora do mar, e por uma «leve e insensivel ampliação ao seu «portador.» («Historia Geral do Brazil», Tom. 1.º Pag. 203.)

Mas concordamos com o auctor do «Guarany» quando dá a lenda da Mãe d'Água, pelo menos, admittida entre os indigenas; e admira-nos que G. Dias, tão versado na lingua dos naturaes, diga que neste idioma não ha termo que a exprima!

Na lingua tupy temos Parasy, que quer dizer literalmente mãe ou geradora do mar (maris genitrix), que não é outra sinão a nossa Mãe d'Água. Assim pensa o primeiro indigenologo que tivemos, o sabio Baptista Caetano de Almeida Nogueira, nos «Ensaio de Sciencia», Vol. 1.º, pag. 17.

Os indigenas não só conheciam a lenda pelo proprio nome, como a presavam e veneravam no mais alto grão.

A lenda da Mãe d'Água, diz S. Anna Nery, é mais candida aiuda. A fada encantadora frequenta os rios e os igarapés sombrios. Espreita as noivas e as põe em desgraça. Nas noites serenas e tepidas faz ouvir seus magicos cantos. Desgraçado do indio seduzido, desgraçada da india enamorada que se deixa attrahir! A noiva, que quizer vêr a Mãe d'Água, é tomada de delirio. A imagem desta belleza apenas entrevista se apodera de todos os seus sentidos, e a lança nos transportes de uma alegria, que brilha em risos espontaneos. Esta visão atormenta e solicita a voltar aonde a viu pela primeira vez. Si se deixa arrastar, si a procura nas bordas do rio, a fada abre seus bellos braços no meio das hervas, a enlaça e faz morrer de amor em um leito de flores. Morra: A agua é fascinadora como a mulher, menos fascinante talvez. («Le Pays des Amasones», Pag. 18.)

Era uma moça linda, diz José Varissimo, como nunca vi nem entre as filhas de Manãos nem dos Mandurucús. Quando a ygará vogava, ouvi um canto longinquo, mais doce do que o do carachué, mais terno do que o arrulho da jurity. Era della. Estava sentada à margem do rio. Tinha os cabellos ród da pedra amarella e nella enlaçadas flores demururé, e cantava como jamais ouvi cantar. Depois seus olhos verdes, como a pedra das icamiadas, fitaram-se em mim. Um momento olhou-me, e em seguida estendeu-me os braços e seu corpo, esbelto como o assalyseiro, mergulhou nas aguas do igarapé, que resvalaram-se pelo dorso branco como as penas da garça. («Scenas da Vida Amazonica», pag. 239.)

Accrece que os indios não matam os sucunijús, porque dizem ser a Mãe d'Água, por um apreciam muito as unhas, que dizem ser um talisman. (Barbosa Rodrigues, «Rev. do Inst. Hist.», Tom. 44, Pag. 58.)

PAULINO NOGUEIRA.

LYRICAS

I

Noite que linges de prata
Do espaço a inflada aaphira,
Quando tu fulges, delira
Minh'alma, que se arrebatá!

E enquanto desfere a lyra
Uma saudosa volata,
Vou sonhando em serenata,
Em nevada cachemira

A minha amada enrolando,
Em barcos leves e anejos
Que nos murmurem: voguemos!

Fazendo que o lago brando
Ouça estalidos de beijos
E borborinho de remos!

II

Quando do sol se descerra
A somnolenta pupilla,
E a luz doirada scintilla
Vibrantemente na terra;

E a curva e longinqua serra
Nitidamente se anila;
Digo: Que vida tranquilla
Aquella montanha encerra!

Eu quero, minha querida,
Fazer alli branco ninho,
D'onde vejamos o mundo...

Que solte um grito de vida
E ponha um ponto de arminho
N'aquelle azul tão profundo!

ANTONIO SALLES.

UMA CARTEIRINHA

(A JOSE' OLYMPIO)

Um brinco azul. Entrelaçada d'ouro
e rendilhada de setim,—eu creio
q' ella se fez da per'la d'um thesoiro
e da papoila flacida de um seio.

E vejo nella o teu olhar divino,
o teu sorriso,—aurora irradiante,
e cada folha garganteia um trino
da tua voz suave o penetrante.

Beijo-lhe a capa fina, delicada,
de caprichosos chromos adornada,
e me penetra n'alma esta illusão:—

penso que beijo a bocca pequenina
dessa formosa e candida menina
com quem partilho a alma e coração.

21--novembro--87.

J. MARTINS.

OS DOUS VULTOS

Medeia um vasto mar: dous vultos gigantes
Contemplam-se de longe em frente a immensidade.
Um delles é a Europa, o outro o Novo-Mundo
Que os dous extremos são da grande humanidade.
E diz a velha Europa:—Ouvi, sou o passado!—
E diz o Novo-Mundo:—E eu sou o futuro!—
Mostrando a Europa então que fica extasiada
O vasto peito seu que o bronze inda mais duro.

A Europa é a velha mãe, a America é a filha,
Esão a mesma lucta, a mesma potestade:
Uma é o grande ser que vem dos tempos idos,
A outra o grande ser que vae p'ra eternidade.
E formam, pois, assim a mesma serie inflada
Dos homens no universo, unidos a luctar.
Uma traz a sciencia e diz:—Venho de longe.
A outra fita o mundo e diz:—Vou caminhar!—

Marchemos, pois, tambem oh filhos do Brazil
Co'os filhos immortaes da terra americana;
Ergamo-nos tambem, saudemos o futuro,
Façamos a grandeza, a luz da Especie humana.
Luctemos com fervor, sigamos o caminho
Da grande e poderosa, intrepida União.
Na lucta é que se cava a estrada do progresso.
A lucta é que é o sol da humana geração.

Mas oh desgraça tremenda
Oh dor, não ha dor assim!
Em nossa terra se vive
N'uma indolencia sem fim.
A noite se espalha immensa
Por sobre o espaço tão densa
Que esmaga a mente, o sentir;
O povo, pois adormece
Como já morto... Parece
A noite do progredir.

Uma parte se alimenta
Da carne de seus irmãos;
E', pois, um povo antropophago,
Mancha de sangue as suas mãos.
Prazeres, bailes, orgias
Encontram uns, as harpias
A parte injusta, cruel;
Os outros, (fatalidade!)
Sem crença, sem liberdade
Lhes coube em sorte só fel.

Vivemos, pois, num banquete
De negras feras insanas,
As carnes que alli se come,
Tremei, são carnes humanas.
E proseguimos, comemos,
Remorso do que fazemos
E' uma palavra vã.
E pois, bradamos:--avante!--
Co' a nossa festa possante.
Preside a festa satan.

Sim, que um povo, onde ha escravos
Não tem vida, não tem luz,
Somente faz negros crimes,
Somente horrores produz.
Seus feitos são revestidos
Da longa dor, dos gemidos

Da misera escravidão.
Sua fronte é negra, descobre
Por mais que occulta, que encobre,
Os germens da podridão.

A vida é triste, apresenta
Terriveis scenas de dor:
O homem vive perdido
N'uma noite de terror.
Mas quando è livre, respira
No livre espaço e se inspira
Nas nuvens, para cantar,
Levanta os olhos aos ceos,
Da noite destrói os véos,
E tenta subir, voar.

Si, porem, á força bruta
Se apoderando de nós,
Nos torna tristes escravos
O despotismo feroz,
E ante nós se levanta
Um monstro que nos quebranta
E nos afunda no mal,
Dizendo o forte: «Obedere,
Curva a cabeça, padece,
Que eu bote o jugo, animal!»

Então a alma estremece,
Revolta-se o coração.
Mas é a força que vence.
Ninguem sente compaixão.
E o povo que tem escravos
Sem ter um grupo de bravos
Que proclame a liberdade,
Não toma parte nas notas
Transcendentaes ignotas
Do canto da humanidade.

Oh dor grande e profunda, oh dor inconsolavel!
Existe no Brazil ainda a escravidão.
O povo americano, o povo do futuro,
Nos deve repellir, não somos seu irmão.
Não sabemos luctar, nos une em nossa vida
O laço impio, feroz, da fria crueldade.
Calcamos o direito, é negra a nossa historia.
E' tudo em nós horror, não temos liberdade.

Oh filhos do Brazil, é fundo o nosso mal!
Oh filhos do Brazil, luctemos com fervor.
O crime nos domina, ergamos, pois, com força
Em frente o crime horrendo um grito de furor.
O nosso povo morre em lugubre prisão,
Luctemos! E' preciso ao povo liberdade.
Aquelles que a prisão horrisona conservam
Maldictos! Elles são o horror da humanidade.

.....

Alegra-te, Brazil. Co' a luz de nova aurora
Começa a desfazer-se a noite de teu ser.
Teus filhos contra o erro emfim se revoltando
E unanimes dizendo:--O erro vae morrer!--
Levantam-se com fé, sem ferro e sem batalhas
Preparam-se a dar fim ao torpe captivo
E erguendo a fronte augusta applaude a velha Europa
A insigne decisão do povo brasileiro.

R. FARIAS BRITO.

RECONHECIMENTO

(TRADUÇÃO PARA A QUINZENA)

Com os cabellos inteiramente espalhados sobre o travesseiro de renda, como si estivesse a sonhar, Lisa de Belvelise está deitada e tem os olhos fechados.

Dorme realmente, ou fatigada dos longos beijos, com um resto de embriaguez nos labios gosa ainda os deliciosos languores de uma noite do amor?

Adormecida ou não, Valentim lhe falla com terna vehemencia.

—Para merecer, lhe diz elle, teu olhar enternecido e teus beijos menos avaros trouxe-te as joias de todos os joalheiros; as mais celebres costureiras tem ordem de vir todas as manhãs, uma após outra, perguntar-te, si alem dos vestidos que possues não queres mais mil ou dois mil.

Quando abres deante de tuas amiga menos ricas teu porta-joias, ellas exclamam deslumbradas e cheias de inveja:

«Então apanhaste todas as estrellas cadentes de uma noite do agosto? Tuas toilettes encheriam as cestas de nupcias de cem princessas, afilhadas de fadas. Porem não me limitei a presentes mediores. Agradava-te ter um amante celebre por sua bravura; tive vinte duellos, terribes, encarniçados, e com as espadas que eu trazia dos combates fizeste uma panoplia enorme entre os enfeites do teu «boudoir». Tiveste o capricho de que eu me illustrasse pelo talento, e não hesitei um só minuto em ter genio. Publiquei versos que certamente excederam pela magnifi-

cencia dos rythmos e imprevisto das imagens aos mais sublimes poemas que os homens admiraram antes de conhecer os meus.

Lembro-me apenas vagamente (é pouco, não é nada.) de minha mãe que deixei sozinha na velha casa da Bretanha, porque tu não me deixas sahir de Paris, de minha esposa abandonada dous annos depois do casamento e de meus filhos dos quaes nem sei o nome.

Futilidades, ninharias, sacrificios que todos seriam capazes de fazer em troca de um beijo em teus cabellos, bem juntinho da fonte... nada te recusei.

Uma cousa me foi mais difficil: tornar-me, sob o poder de tua vontade o mais bello e elegante dos homens; porem afinal consegui-o, depois de algumas semanas. Emfim, pode-se dizer, oh! bem amada, que a minha ternura não te recusou cousa alguma sonhada pela tua phantasia; e tu és em tudo obedecida pelo mais apaixonado e mais engenhoso dos escravos.

Ao menos não foi em vão que eu fiz esses esforços e sacrificios

Tu me amas, eu bem o sei, tu me amas! Oh! encanto de minh'alma, tu me adoras! Ainda ha pouco desfallecias deliciosamente sob a influencia de meus beijos. Meu nome é o unico que te faz palpitar o coração fiel, e em teu generoso reconhecimento preferes a todos o amante feliz que te conquistou pela dedicação e pelos dons que regosijariam o orgulho da deusa mais exigente.

Valentim fallava deste modo, n'um transporte de amar e de ser amado, e Lisa de Belvelise dormitando ainda, com os olhos fechados, dourada

pelos reflexos de seus cabellos desalinhados voltou-se a meio tão bonita, tão terna, tendo nos labios um sorriso de flor desfallecida e murmurou n'um arrulho:

—Raul!

CATULLE MENDÈS

SCIENCIAS NATURAES

A AGUA

Passeavamos na horta pela manhã.

Eu me entretinha em observar nas hastes das couves os pulgões, que as formigas desleitavam.

Minha companheira observou-os comigo por algum tempo, mas receiosa de gastar com elles os minutos de que dispunha para visitar os seus canteiros de hortaliças e a sua rozeira Paul Neron, deixou-os e deixou-me.

Estava anciosa por sahir d'aquelle sitio, menos para ver as alfaces, tomates e cenouras do q' a primeira rosa, que deveria ter desabrochado pela manhã.

A sua visita às hortaliças foi rapida e encaminhou-se para a rozeira com uma curiosidade que se apercebia em todas as linhas de seu rosto.

Era bem filha de Eva. Gostava das rosas enquanto eu apreciava mais as flores dos manacás.

—Como está esplendido o botão de rosa meio desabrochado, meu amigo! vem vel-o. A Paul Neron recompensou bem o meu trabalho. E como está toda ornada de pequenas gottas de orvalho!

Approximei-me da rozeira e fiquei mais embevecido da alegria infantil que dominava minha companheira do q' da formosura da rosa. Ella não cessava de admirar a corolla carmezini da flor presa em parte pelos dentes verdes do calice.

Para mais realçar a belleza da rosa o frio da noite havia liquefeito os vapores subtis que involviam a planta e com admiravel perfeição e regularidade suspendido em cada dente das folhas cerradas da rozeira uma pequenina gotta d'agua, que tremia aos osculos da viração e scintillava aos raios do sol.

—A rozeira recebeu-te esplendidamente ornada. Adornam-a as joias as mais finas, os crystaes da mais pura agua não brilham mais. E que harmonia na disposição de suas joias! Nas dezinas de folhas de que se veste não encontras nos picos dos bordos da folha um só que não esteja decorado com um crystal! Entre-

tanto, em breve o calor que os formou, que emprestou-os por algumas horas, os levará talvez a muitos kilometros d'aqui.

—E a causa do orvalho é o calor?

—Ignoras a historia d'agua, do corpo mais importante da creação. Ella foi considerada pelos antigos como um dos quatro elementos da natureza, foi o meio em q' primeiro a vida se manifestou, pois foi ella que primeiro existiu. Ella succedeu ao fogo. Os elementos que constituem o globo terrestre se congregaram e tomaram a forma de uma esphera, que incendiou-se em pleno espaço. Este mesmo globo, que habitamos hoje, ardeu por muitos seculos, e os vapores produzidos pela combustão involveram-no em uma camada espessa e de muitos kilometros. Até então havia somente vapores densos e fogo.

Mas a combustão externa não duraria sempre, o calor diminuiria e os gases, desde que a temperatura baixasse, passariam ao estado liquido. Assim succedeu. As primeiras camadas da terra resfriaram, se solidificaram e então os vapores se condensaram, se resolveram em agua, que cahindo em chuvas copiosas, torrencias, cobriram toda a superficie da terra. O mundo era então um mar somente, sem um ponto de terra descoberto! As combustões entretanto continuavam no seio do globo e com ellas a formação de gases, que determinaram em virtude de sua força expansiva e da resistencia opposta pela crosta solida da terra, desordens em sua superficie, como o levantamento de montanhas, primeiros pontos, que, como ilhas, appareceram no seio do vasto oceano.

—E Deus não formou no primeiro dia a terra e depois as aguas que dividiu em rios, lagos e mares?

—Exactamente. Mas o dia biblico é um dia não de horas, porem de seculos. A divisão das aguas teve como cauza as depressões e levantamentos da crosta terrestre. Essa divisão levou centenas de annos para se operar, então os mares, os rios, os lagos se recolheram a seus leitões e os continentes appareceram.

—A vida, a materia organizada então não existia?

—Existiam as plantas aquaticas e os peixes; o meio que havia até então sendo somente agua, só elles podiam existir.

«Descoberta a terra a vida vegetal manifestou-se, cobriu-se de vegetação, depois vieram os animaes inferiores, os reptis, os mamiferos e por fim o homem.

—Então agua é um corpo composto?

—Sim de oxigenio e de hydrogenio, e chimica ella chama-se protóxido de hydrogenio. Por muitos seculos ella foi considerada como

corpo simples, até que as experiencias do illustro chimico francez Lavoisier em continuação ás de Priestley em 1789 provaram que a agua era um corpo composto por aquelles dois gases.

—E como o sabio francez descobriu a composição d'agua?

—Decompondo-a por meio da electricidade e recompondo-a depois com o mesmo fluido.

—Tu disseste-me que estas gottas de orvalho algumas horas antes eram vapor tenue e subtil que se elevava da terra, como assim?

—A materia pode-se apresentar sob tres estados diferentes: solido, liquido e gazoso. A agua é um destes corpos que sob a influencia do calor pode affectar aquelles tres estados. Vê que o calor do sol diminue sensivelmente as gottas de orvalho que ornão a rozeira; ha pouco tempo ellas eram maiores. Estão passando ao estado de vapor, está se dando allí o phenomeno chamado evaporação. Em breve o calor fará desaparecer aquelles lindos crystaes, os levará em estado de vapor ao espaço, para mais tarde se resolverem em chuva.

—E a chuva é o resultado da evaporação das aguas?

—O calor determina na superficie das aguas uma evaporação constante. Grandes massas de vapor se elevam na atmosphera e formam as nuvens que decoram o firmamento. Impellidas pelo vento ellas correm no espaço e quando encontram uma temperatura mais baixa se condensam, se liquefazem. Então a chuva cahe sobre a terra fertilizando-a e alimentando as fontes, os rios, que depois de um curso mais ou menos longo, de um curso util ao homem, pois facilita-lhe o provimento das necessidades da vida, vão ter ao mar.

—E' então o vapor d'agua de grande utilidade?

—Mais talvez do que supões. A agua pode-se dizer é o vehiculo da vida sobre a terra. E' um corpo sem cor, sem cheiro, sem sabor, docil a ponto de tomar a forma que lhe queremos dar, é o maior auxiliar do homem em seus trabalhos. No estado liquido ella entra na composição de todos os corpos organicos existentes na terra; forma os rios, mares e lagos, que alem de crearem numerosos animaes de que nos alimentamos facilita-nos os meios de transporte, permittindo-nos viajar sobre ella de um a outro continente; é o vehiculo da vida sobre a terra porque só ella pode penetrar no seio das plantas e levar-lhes os alimentos de que necessitam para a conservação e desenvolvimento de seus tecidos; é o vehiculo da vida porque o reino vegetal é mantido por ella e os animaes todos vivem á custa das plantas ou de outros animaes por ellas alimentados. E não é somente á superficie da terra que são uteis os rios, não, nas profundezas do mar,

lá onde milhões de obreiros constroem as suas habitações, elles levam-lhes a cal que necessitam, cal que tiraram dos terrenos porque passaram e vão entregal-a ao mar, que por sua vez leva-a aos polypos, porque os calcenos são materiaes indispensaveis á edificação de suas cidades.

—As chuvas que cahem como dizem são produzidas pelos vapores que se elevaram das aguas á superficie do globo, e como sendo em muito maior quantidade as aguas salgadas que as doces, as aguas de chuva não contém saes do mar?

—Porque só os liquidos se evaporam, os solidos não. As salinas que fornecem o nosso sal de cosinha fundam-se nas leis da evaporação. Deixam alagar terrenos baixos pelas aguas do mar, interceptam depois a comunicação com o oceano, e a massa liquida exposta ao sol vai pouco a pouco se evaporando, até que a ultima gotta desaparece ficando o chlorureto de sodio depositado no fundo da salina.

—Então a evaporação ainda tem mais essa utilidade?

—E outras que irás saber. O homem lutava com serias difficuldades todas as vezes que em suas fabricas industriaes ou agricolas tinha que mover as suas machinas; o motor foi a principio a força muscular, depois o vento e agua em estado liquido. Estes motores eram entretanto falliveis. Os musculos fatigavam se, o vento nem sempre prestava os seus serviços quando era preciso e agua não havia em toda a parte em condições de ser utilizada como força motriz. As comunicações entre os continentes eram difficéis, os navios que iam da America á Europa eram de vela, o motor era o vento, que obrigava-os ás vezes a uma calmaria podre de semanas, gastavam mezes em uma viagem que o vapor faz hoje em alguns dias. A falta de um motor sempre prompto ás ordens do homem embaraçava o progresso de todas as industriaes. As difficuldades cresciam com as necessidades da vida e o augmento da população, quando no começo d'este seculo Watt, engenheiro inglez, espirito atilado e pratico tirou da observação de um facto simples e commum uma conclusão sabia, resolveu o problema dos motores convertendo o vapor d'agua em trabalho mecanico. A agua vinha prestar ao homem o maior dos serviços. E quem diria que um corpo tão docil se vaporizando pela acção do fogo adquirisse uma força que bem aproveitada move as maiores machinas, arrasta as mais pesadas locomotivas! Os outros motores foram quasi despresados e a força expansiva do vapor d'agua uma vez convertida em trabalho mecanico foi applicada n'um motor chamado machina a vapor, que logo entrou em todas as fabricas do mundo,

nos navios que vão de um a outro continente, nas locomotivas que arrastam os pesados trens nas linhas ferreas.

—E qual é o outro estado d'agua?

---O estado solido. O gelo que vêem em nossas mezas é agua crystalizada. O homem fal-o artificialmente, mas ha gelo natural nos paizes em que a temperatura desce a 0.º N'esses logares as fontes, os rios, os mares gelam, forma-se á sua superficie uma camada espessa, resistente de agua solida sobre a qual pode-se caminhar. E, cousa notavel, o gelo tem a propriedade de ser mais leve do que a agua, propriedade essa que mostra a natureza quanto é previdente.

---E o que resultaria se o gelo fosse mais denso do que a agua?

---E' preciso primeiro que te diga que a agua tem ainda a propriedade de augmentar de volume todas as vezes que passa ao estado solido. Ora, se o gelo fosse mais denso do que a agua, todas as vezes que se formasse, obedecendo as leis do peso se precipitaria ao fundo dos lagos, dos rios resultando d'isso terriveis inundações.

---E como provar que a agua augmenta de volume quando se solidifica?

---Basta encher um vaso d'agua, fechal-o e gelar o liquido. A força expansiva é tal que rebenta as paredes do vaso muito embora sejam ellas espessas e de ferro. Não podemos sem grandes inconvenientes em um espaço limitado fazer a agua passar ao estado quer de solido quer de vapor.

---E os animaes aquaticos não morrem quando os rios e os mares gelam?

---Não, graças a providencia da natureza. Se o gelo fosse mais pesado que a agua quando a temperatura descesse abaixo de 0.º formar-se-ia uma camada solida a superficie das aguas, que se precipitaria no fundo das bacias, depois outra e mais outra até que em pouco tempo uma só rocha de gelo ficaria em lugar do rio ou do mar. Então a vida seria impossivel, e os animaes e plantas que vivessem n'aquelle meio todas morreriam. Nas regiões polares o gelo em montanhas immensas boia á superficie das aguas, sendo para os navios de pesca um perigo inaudito o seu encontro.

---E todas as aguas gelam?

---Todas; as que têm saes em dissolução, como as do mar, precisam de uma temperatura mais baixa. As aguas potaveis gelam pouco abaixo de 0.º

---E como se conhece uma agua potavel?

---Examinando a sua composição. Diz-se que uma agua é potavel quando ella não tem em dissolução saes mineraes e materias organicas, substancias estas que a tornaria impratavel aos usos da vida. As fontes

dos terrenos argilosos ordinariamente contem saes de ferro, de cal e sulfato de alumina e potassa. Tu mesma conheces uma fonte em Aronches cuja agua tem tanto alumem a ponto de tomando-se ella na bocca conhecer-se a adstringencia d'aquelle sal. Tens visto aqui mesmo fontes cuja agua tem em dissolução muito sulfato de ferro e carbonato de cal.

A rozeira havia entregado ao sol a sua ultima joia e, antes que o astro rei começasse a nos ornar a fronte de perolas de suor, voltamos á venda.

RODOLPHO THEOPHILO.

OS QUINZE DIAS

Sou incumbido de communizar aos leitores que A QUINZENA resolveu superar todas as difficuldades, conjurar qualquer crise que ahí rebente e seguir seu caminho, emquanto não lhe faltar a benevolencia e favor dos poucos a quem deve ter subsistido no ingrato deserto onde vegetam as patrias letras.

Gostoso e sincero dou esta noticia logo ao começar a faina de chronicar os quinze dias decorridos.

E' possivel, muito provavel mesmo, que mais de um dos que me leem façam uma careta os homens, uma momice as senhoras, só com a idéa de que, por muito tempo ainda tenham de, uma vez por outra, ser victimas da estopada desta insulsa e desalinhada prosa. Não poucos, porem, estimarão saber que esta tentativa do revista litteraria sente-se capaz de resistir á hostilidade dos elementos e não desaparecerá no tumulto, por inviavel, logo apoz os primeiros vagidos, como tem succedido, infelizmente, a muitas publicações de seu genero.

Resta, porem, que as auras do favor publico não deixem de soprar no quadrante de nos-

sa derrota, mas, ao contrario, façam bonança na trilha que singramos, para que de velas pandas possamos surgir ao porto a salvamento.

E, si, com este pedaço de rhetorica lidima e classica não se commovem os amigos e assiguantes d'A QUINZENA, não respondo pelo cumprimento da promessa acima contida e bem pode ser que aos sons vermelhos de clarim que hoje despeço do alto desta... chronica, succeda o canto-chão de um officio *pro defunctis*.

Não o consentirá o publico, estou certo, principalmente porque o remorso está alli ao canto a espreital-o e de unhas afiadas para engalfinhar-se-lhe na consciencia.

Unamos, pois, muito irmãmente, o nosso esforço e a boa vontade do publico, que nos cartazes é, com tanta justiça, tratado de respeitavel e illustrado, para que se produza mais um exemplo das energias vitaes do Ceará—a manutenção segura e prospera de uma folha puramente litteraria.

Adiante.

Entro, de chapeo na mão e esta na luva, pelo salão principal do *Club Iracema*. Caminho nos bicos das botas, porque faz-se musica o que não obsta a que muita gente arraste triumphantemente as rangedeiras do seu Bostock 42—5 pelo soalho a fóra, sem attenção a quem toca, a quem ouve e a quem teve a condescendencia de mandar-lhe convite.

Toca-se a 2.ª peça da primeira parte do concerto, o grande duo de Herz.

Antes mesmo de lançar os olhos pelo salão, cravo-os nas duas gentis pianistas e em breve sinto-me domi-